

Lisboa 28 de Novembro de 1895



TABORDA

TABORDA é o actor mais conhecido e mais querido do povo portuguez.

O eminente artista não conta inimigos; é uma d'essas celebridades admiradas e respeitadas por todas as classes.

Difícil será innumerar em quantas peças a sua *verve* e sua bonhomia o tornarão inolvidável; poupemo-nos portanto a ter que deixar incompleta essa enorme lista de triumphos.

E, com um artista da sua raça não se contam, pelo número, os serviços prestados á arte dramática.

O excepcional talento de *Taborda* define-se n'estas duas palavras: *Naturalidade e Igualdade*.

Por *naturalidade* entende-se essa deliciosa bonhomia, esse contrascenar franco e sincero, que nada vai procurar ao convencionalismo nem á *Charge* e que faz com que o artista não pareça interpretar o pensamento d'outro, mas sim dar livre curso ás emoções que elle proprio sente.

A *igualdade* é essa faculdade extremamente rara que pôde possuir um artista, consistindo em conduzir um papel, de *fo a panto* com a mesma facilidade de execução, sustentando sempre a mesma linha e o mesmo temperamento do personagem.

O nome de *Taborda* brilhará nos annaes do theatro portuguez, como astro de primeira grandeza, onde será citado como um dos nossos primeiros actores pela sua simplicidade, e pela auctoridade indiscutível com que sabe interpretar um personagem e dar-lhe a sua verdadeira phisionomia.

DIAMANTINO LEITE.

A SEMANA



D. MARIA

KEAN

Foi uma noite de verdadeira gloria para o grande actor Brazão a «reprise» do Kean.

As ovações calorosas com que o publico, que enchia o theatro de D. Maria, festejou desde a sua entrada em scena até ao final do drama, o eminente artista portuguez foram justissimas e Brazão guardará a mais fundá impressão d'esta noite em que obteve um dos seus maiores triumphos. Orgulhamo-nos de termos sido dos primeiros a demonstrar a superioridade do actor portuguez no desempenho d'este personagem. E Brazão ahí o está demonstrando, a todos que o quizerem ver.

Não temos procuração do artista para o defendermos, nem elle precisa que o defendamos, mas não podemos deixar de protestar contra a insidia d'um jornal que affirma que de alguma coisa serviu a Brazão ter visto Novelli. Protestamos. E' possivel que o nosso artista aprendesse alguma coisa no artista italiano, mas não para o desempenho do Kean. Temos visto esta peça dezenas de vezes. A primeira ha muitos annos já, depois em todas as epochas que se tem representado.

E' certo que Brazão tem alterado o seu trabalho, sempre para melhor, mas os traços geraes, a forma porque delineou o personagem tem sido, n'estes ultimos annos sempre sustentada.

Que imprimisse n'esta recita mais calor á phrase, d'accordo, o que não admira pois o artista estava sendo aquecido pelos applausos do publico; mas que regresse o seu trabalho pelo do artista italiano, é vontade de levar muito longe o habito de deprimir o que é nosso!

A prova do que affirmamos, e a melhor razão que podemos oppor a esta asserção, é que, se Brazão tivesse modificado ou alterado o seu trabalho no sentido que se pretende, tel-o-hia feito no 4.º acto, unico em que Novelli era superior. Pena foi que o artista italiano não visse esta peça em portuguez, para não ir fazendo uma tão triste ideia de nós e do que valem. Que ideia fará Novelli dos nossos actores, tendo visto apenas a *Cigarra* e o... *Miguel Strogoff*?

O personagem de Edmund Kean absorveu todas as attentões do publico; nós, porém, por dever da tarefa a que nos impuzemos, permitto-nos algumas considerações sobre os outros artistas. Augusto Rosa no «Príncipe de Galles» compartillou, com toda a justiça, dos applausos; é personagem estudado e desempenhado com uma distincção *hors ligne*. O mesmo se não pode dizer de todos os outros interpretes da peça. O theatro de D. Maria resente-se da falta de artistas que possam desempenhar as partes secundarias ao lado das principaes figuras.

O actor que fez o papel de «Conde» deixa muito a desejar. Quando o viamos entrar em scena parecia-nos que lhe iam ouvir esta phrase: — «Uma carta para V. Ex.ª» — ou outra igual. E estão ahí por diversos theatros tantos actores deslocados!

O actor Augusto Antunes desempenha-se muito conscienciosamente do seu papel, que vimos já feito por Cesar de Lima. O actor Alves, um novo com disposições, dá umas *cambalhotas* menos más, mas preferimos peiores saltos e melhor comprehensão do seu papel. A actriz A. Cordeiro, attendendo a que salvou a empresa d'um apuro, não se lhe pôde exigir mais, e com franqueza nem tanto esperávamos.

Guardamos para o fim Carolina Falco que occupa um dos primeiros logares em D. Maria. E' hoje n'este theatro uma figura importante, foi formossima e tem ainda um ar im-

ponente e por vezes magestoso. Se lhe não podemos exigir que nos dê a mesma condessa de ha 15 annos, desejaríamos contudo que se vestisse com mais algum gesto.

No primeiro e terceiro acto vae muito correctamente, no ultimo porém, não nos agradou; a actriz Carolina Falco com aquella toilette parecia-nos mais uma honesta mãe de familia, que depois de ter mandado os filhos para o collegio e de ter cuidado do seu *menage* ia visitar uma das suas amigas, que uma condessa coquete que visita actores no camarim e aceita os galanteios do principe de Galles. Nas actrices, uma das principaes condições para agradarem, são as toilettes. Ahí esteve agora Sarah Bernhardt, que deve 25 % do successo das suas peças ao seu guarda-roupa.

THEATRO DO GYMNASIO

A FUGA DOS SABINOS

Realisou-se sabbado o beneficio de Marcelino Franço um artista modesto, mas de merecimento.

A concorrência foi diminuta, o que lamentamos, tanto mais que Marcellino não vale menos, que outros que tem pisado aquelle palco.

A *Fuga dos Sabinos* é mais uma *pochade* igual, ou talvez inferior a outras que se tem representado. E assim se consome uma epocha n'este theatro, obrigando os artistas a *ensaiar* constantemente, sem resultado algum. O desempenho ha de necessariamente ressentirse, da precipitação dos ensaios, da similhaça dos typos. Cança-se o ensaiador, cançam-se os actores, cança-se o publico, e nada se consegue a bem da arte.

Olha-se mais á quantidade que á qualidade. O resultado é que a um sabbado, peça nova e beneficio d'um actor estimado, não se conseguiu vender meia casa.

Já no nosso primeiro numero o diziamos ao empresario e hoje tornamos a repetir: abandone de todo o repertorio francez já bastante estafado e introduza no seu theatro, comedias allemãs, inglezas e mesmo hespanholas.

Ainda na epocha passada teve o exemplo com a *Madrinha de Charley e Zaragueta*.

Quanto ao desempenho sempre o mesmo, ficando ainda de pé o que dissemos no nosso primeiro numero.

Mas valha a verdade, tambem com ruim panno não se pode talhar boa obra.

Marcelino apresentou-nos um typo comico muito parecido com outros que lhe temos visto desempenhar, conseguindo fazer rir.

Durante o 4.º acto, conservou-se constantemente de chapéu na cabeça não nos parecendo que em uma sala de audiéncia se consentisse tal sencerimonia.

Cardozo foi correcto n'um pequeno papel que lhe coube.

Jesuina Marques, talha todos os seus personagens pelo mesmo molde, e talvez tenha razão pois não vae a pena gastar cera com tão ruins defuntos.

Sempre muito empertigada com as mãos descansadas sobre o ventre lá vae levando a sua cruz.

Jesuina Saraiva discretamente, assim como Ignacio e Baptista.

E ficamos por aqui.

TRINDADE

O SOLAR DOS BARRIGAS

Para reaparição de Cinira Polonio, ultimamente contractada pela sociedade artistica que explora este theatro, voltou á scena esta peça de que me não occuparei por ser já bastante conhecida do publico.

Por vezes a melancolia da musica fazia-me esquecer o mau desempenho que alguns papéis tem n'esta peça.

Otras vezes, como que me vinha á memoria ter ouvido n'esta e n'aquella peça trechos de musica tão parecidos, que do mundo ideal a que subia, me sentia bruscamente ati-

rado á realidade e obrigado a reparar no desempenho.

Tambem se assim não fosse nada pederia dizer sobre os artistas que a desempenharam. Não foi a primeira vez que vi Cinira n'este papel e se nunca me tinha deixado impressões agradaveis, muito menos d'esta vez.

Além de não ter conseguido dar a feição característica ao personagem, nem calor, nem entusiasmo a certas phrases que sem isto passavam despercebidas, não lhe pude entender uma duzia de palavras, em todo o decorrer da peça.

A delicadeza da figura de Cinira, tão elegante, tão distincta não se casa com este genero de papéis. Onde houver distincção a apresentar ninguem melhor que esta artista a podera exhibir, pois é uma das nossas mais elegantes actrices.

Porém n'estas peças é preciso alma e sentimento, duas qualidades que a meu ver, faltam a Cinira Polonio, e que o seu agradável fiosinho de voz podera fazer passar despercebido.

Mas, hoje, infelizmente nem isso possui ainda que imprima nma certa sciencia ao canto, e com esta falta as suas poucas qualidades de artista veem ao primeiro plano e a critica imparcial vê-se obrigada a dizer a dura verdade.

Se não pode fazer papéis como o da *Mauvela*, na comedia ainda pode occupar um logar distincto pela sua elegancia puramente franceza.



REVISTA THEATRAL

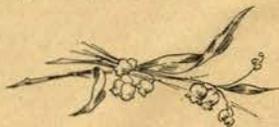
Esta publicação, superiormente redigida, publica no seu ultimo numero um artigo, muito notavel, devido á penna d'um escriptor distinctissimo, gloria das letras portuguezas.

Quando vimos Novelli exhibir-se em trabalhos que não estavam no seu genero, e onde necessariamente, a sua reputação de actor exímio saíria muito mal ferida. pensámos, o que s. ex.ª tão authorisadamente escreve.

A insuficiência da nossa penna, não nos permitiu abalancar-nos a essa critica. Limitamo-nos á dar a nossa modesta opinião. Aos que não a contestaram, recommendamos-lhes que leiam este artigo do eminente author da *Morta* e do *Duque de Vizeu*.

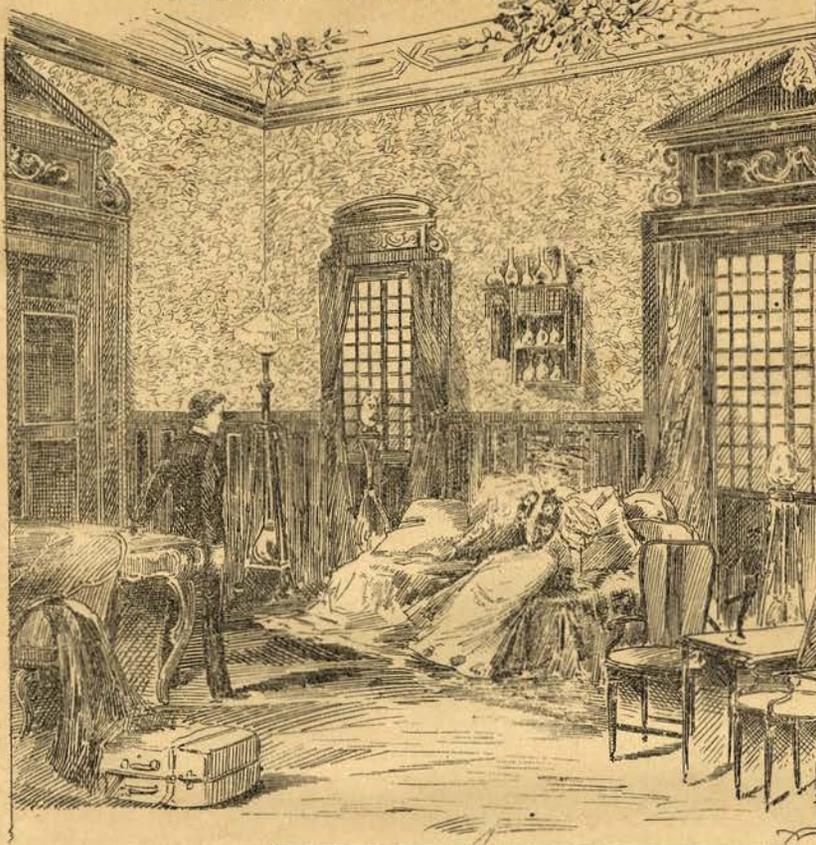
Na impossibilidade de transcrever essa critica limitamo-nos a transcrever da *Revista* e com todo o respeito o seguinte periodo:

«Quando a critica de uma capital se presta, na sua quasi generalidade, a zombar, com um artista estrangeiro, de um publico ingenuo e inconsciente a quem, como brinde se oferece o desempenho dos *Crochets du père Martin*, é o caracter pessoal dos directores de um periodico da especialidade que obriga, diante do mesmo artista, a um protesto significativo de retrahimento e de pesar. E certos estamos que Novelli, a quem talento e engenho ninguem pôde contestar, comprehenderá no seu intimo a nossa manifestação como já o demonstrou de resto e para quem o quiz comprehender, agradecendo admirado os applausos do 2.º acto dos *Disonesti*—o seu melhor trabalho—e recusando ao publico de Lisboa, qua não ao do Porto, a interpretação de *Michel Perrin*.»



ACTOR BRAZÃO

O proximo numero dos *Theatros* é dedicado a este eminente artista,



AMANTES

Comedia em 5 actos, de Mauricio Dounay representada no Renaissance

Esta comedia deve o seu successo, mais ao bello desempenho que M.^{lle} Granier deu ao seu papel, no luxo das *toilettes* e ao bom gosto das decorações que ao entrecho da peça.

Damos aos nossos leitores um croquis d'uma das scenas do 3.^o acto e por elle se poderá avaliar a arte que em Paris preside á *mise-en-scène* de qualquer peça.

A critica franceza tem apreciado de diferentes modos a comedia *Amantes* que não encerra valor algum moral, pelo menos a ajuizar pelo que vimos nos jornaes de Paris.

Claudina, é uma mulher amancebada, com um homem casado, do qual tem um filho.

O tal sujeito casado é atraído pela mulher, e como individuo predestinado á fatalidade, a amante tambem o atraiçoa.

«Era sina ou era enguico
Estava escripto, por isso...»

(Como diz o sr. Alberto Pimentel.)

Claudina ama pois um tal Georges celibatario e rico.

Ambos se adoram e como os dois são livres podiam entregar-se ás delicias do amor deixando o outro pobre diabo. Mas é preciso fazer a comedia; ella tem escrúpulos, não quer abandonar o pae de seu filho, prefere soffrer, despedaçar o coração, etc., etc.

É Georges, amante pratico e moderno, parte para uma viagem, ficando estabelecido o principio: que a ausencia é um grande remedio, e a prova é que quando volta e encontra Claudina, o amor... onde irá elle... Conclusão:

Elle casa com o pae de seu filho, que se divorciou, e Georges com uma joven irmã d'um individuo com quem se relacionou em viagem.

Como veem é *fin de siècle* e e os cinco actos d'esta peça decorrem entre beijos e abraços que é tudo o que podem fazer estes amantes.

LE VICOMTE DE SOLRAC.

SARAH BERNHARDT

A falta de espaço obriga-nos a retirar o artigo escripto a respeito d'esta celebre actriz. Duas palavras apenas sobre a *Gismonda*, a peça que em Lisboa mais agradou, por ser aquella em que a sua alma artista e o seu gosto artistico melhor se manifestam.

A *Gismonda* é uma peça em 5 actos, qual d'elles o mais bello á vista e em que a eximia comediante nos manifesta n'um combate intimo e d'uma maneira admiravel quasi todos os sentimentos do coração humano: o odio, o amor, o sentimento religioso, o amor materno, o orgulho, o reconhecimento; tudo isto nos revela a artista d'uma maneira portentosa. O ultimo acto é uma delicia para os olhos e ouvidos. Um encanto! Os sons maviosos da sua prodigiosa voz, casando-se com os sons do orgão e no canticos dos feis, transportam-nos ás regiões do *Bello*

Ao terminar o acto o espectador, como que acorda d'um sonho delicioso.

Ah! que se os anjos fallssem, a voz d'elles seria aquella. Só vendo-a, se pode comprehender e admirar.

Admiramos aquella musica dulcissima da sua voz que nos embala como a suave musica de Beethoven. Depois aquellas admiraveis attitudes. Como aquella mulher tem estudado a *Arte* em todas as suas multiplas manifestações. Só Sarah, aquella incarnação artistica pode representar assim. Tudo n'ella é estudado, tudo artificial. Mas quanta arte e quanto estudo n'aquelle artificio!

CONVERSANDO

Do mesmo cavalheiro que nos enviou o bilhete postal, que reproduzimos no nosso numero anterior, recebemos uma carta, a que respondemos por se nos dirigir em termos mais correctos.

Diz que ficou estupefacto ao ver a reprodução do seu postal, e que nós, ao recebê-lo, só tínhamos dois caminhos a seguir: *Ou inutilisalo por tolo, ou contestar*. Entendemos não seguir esses caminhos por duas razões: Não o consideramos *tolo* porque representava uma opinião, e nós respeitamos todas as opiniões; não contestámos, por o não considerarmos digno de contestação pela forma por que estava escripto. Se soubessemos a sua morada, ter-lhe-hiamos devolvido o seu bilhete. A unica maneira de lh'o devolver era reproduzi-lo em *fac-simile*; assim o fizemos.

Na carta com que agora nos honrou, concorda que a admiração que sente por Joaquim de Almeida o obrigou a *explodir* um pouco grosseiramente. Aceitamos-lhe a confissão.

Diz mais, na sua carta, que a parte litteraria dos *Theatros* o satisfaz completamente, e que nós *tratamos as questões com uns laivos de imparcialidade pouco vulgar*.

Este favor da sua parte, que muito nos penhora, leva-nos a conversar com S. Ex.^a, apesar de pouco dispostos a conversar com anónimos.

Temos, como toda a gente, grande consideração pelos recursos artisticos de Joaquim de Almeida, mas, como todos os que tem respeito e amor á arte dramatica, não podemos deixar de censurar os erros em que este actor se tem deixado cair.

Eramos bem novos quando este artista trabalhava no Gymnasio, ao lado de alguns extinctos e d'outros que ainda ornam a scena portugueza.

A interpretação do padre Bergeret, nos *Lazaristas*, faria só por si a reputação d'um artista. Depois de voltar do Brazil, para onde fora com Brazão, se a memoria nos não falha, vimos-o em D. Maria desempenhando superiormente diferentes papeis, como o *Bobo*, o americano da *Extrangeira* e outros, entre elles um serralheiro no Sr. ministro, de Teixeira de Queiroz, uma rabula (como se diz na gíria dos theatros) de que tirava o melhor partido.

Sahindo do normal voltou ao Gymnasio, onde o applaudimos francamente em papeis comicos e dramaticos, e lembra-nos d'um, que não estando no seu feito artistico, *Sergio Panno*, foi contudo muito regularmente trabalhado.

Se nos abalancarmos a fazer a biographia d'este actor, publicaremos então a longa lista de serviços, que, até certa epocha, é de valor valiosa para a arte dramatica.

Ha dez annos o nome do artista em questão teria todo o direito a figurar ao lado dos primeiros, hoje, porém, desculpe-nos o nosso anónimo a franqueza, o seu predilecto perdeu esse direito, e somos dos primeiros a lamentar que tal succedesse.

Desejaria-mos muito, por amor ao theatro portuguez, que elle voltasse ao seio da arte e reconquistasse o seu lugar!

Pela versatilidade do seu caracter, por temperamento, ou enfim por outras razões que desconhecemos, e que não nos importa conhecer, pois só analysamos o artista sobre o tablado, entendeu dever descer até aos palcos de 3.^a ordem e nivelar-se com os comediantes que estão n'esse plano.

Que culpa temos nós que o artista nos não enthusiasme como quando o vimos nos *Lazaristas*, *Bola de Sabão*, *Extrangeira* e em outras? A culpa é d'elle e só d'elle!

Um artista que tem tradições como Joaquim d'Almeida, que tem talento e intelligencia, não deve nunca descer a trabalhar em peças inferiores á sua cathogoria artistica.

Custa-nos, com magoa o dizermos, vel-o á luz da ribalta, servindo-se de *ficelles* improprias d'um verdadeiro actor.

Representar o *Tio em Pelotas*, *Loteria infernal*, os compadres de Revista, vindo á bocca da scena provocar os applausos do publico ingenuo, são verdadeiras *cabotinages* (a palavra é da moda).

Se nos disseram que os palcos de 1.^a ordem estão fechados a este artista, responderemos: Tambem Lucinda Simões tem fechados os palcos do normal e outros.

Tem passado epochas sem trabalho, mas nunca desceu, não querendo perder um nome

tão gloriosamente adquirido.

Ahi temos Anna Pereira, sem escriptura, e decerto que a empreza que escripturou Angela Pinto por 120.000 reis mensaes (segundo se diz) lh'os não recusaria a ella. Mas é que os artistas d'alma, entregam-a toda a arte e só por ella e não pelo espirito ganancioso trabalhavam.

Lucinda Simões sem theatro onde podesse brilhar, luctou, não desceu a nivelar-se com artistas de 2.ª ou 3.ª ordem. A força de talento e coragem formou uma companhia, abriu um theatro e elevou-o até á sua altura. Um artista que tem um nome glorioso não deve consentir que lh' o explorem em cartazes mais ou menos vistosos, com o seu retrato como o, que de qualquer funambulo de circo.

A Joaquim d'Almeida não lhe falta talento e intelligencia, eleva a scena da Avenida *faça arte*, a critica não lhe regateará louvores, e nós todos, que prezamos o theatro agradecer-lhe-hemos.

Desculpe-nos o artista, que respeitamos, estas luras verdadeas, que desejaríamos calar. É esta a resposta que damos a carta que recebemos, e ponto sobre o assumpto.

A REDACÇÃO.

ESCOLA REALISTA E ESCOLA ROMANTICA



Novelli veiu despertar nos nossos criticos o gosto pela escola realista, de fórma que, na opinião d'esses senhores, a escola romantica perdeu todo o seu terreno.

Não se explica esta completa e repentina transformação, quando ainda hontem applaudiam freneticamente actores que não só representam pela escola romantica como até a viciam.

Será consciencia, ingenuidade, ou tolice?

Eu, não me declaro apologistas nem d'uma nem d'outra escola, exijo mais.

Ha factos succedidos em diferentes epochas que coincidem perfeitamente; assim o renascimento litterario e o renascimento dramatico.

Na epocha do renascimento litterario as riquezas da litteratura grega e latina enthusiasmarão os espiritos cultos d'aquelle tempo, entendendo que nada melhor se podia fazer do que imitar essas litteraturas.

D'este modo de ver nasceu a escola classica.

Esta escola, imitando as litteraturas citadas, adoptou fórmas certas para cada especie poetica, apresentando-nos um mundo não real, mas de convenção.

Os divergentes da escola classica crearam a escola romantica para corrigir os defeitos d'aquella, isto é, chamar a arte ao sentimento da realidade e separar-a das regras convencionaes.

Passou além do fim desejado, indo cahir no trivial e por ultimo no feio.

Sentiu-se naturalmente necessidade de uma nova escola que podesse conciliar as duas, e veiu então a neo-classica.

Esta escola aproveita da classica o horror ao trivial e a sujeição ás regras não de imitação mas de bom gosto.

E da romantica o gosto da verdade e a abolição das regras convencionaes.

A escola classica na poesia, corresponde a escola romantica no theatro, pois tambem como aquella tem convencões, atirando á bocca de scena personagens que em face da natureza parecem pertencer a um mundo sobrenatural.

Tem o principal defeito do tom declamatorio exagerado (que felizmente está já longe do nosso Normal), pondo o theatro em opposição com as idéas e sentimentos modernos.

E a escola romantica corresponde a modernissima escola realista, que hoje todos desejam, todos querem, sem a maior parte prever quaes os defeitos que essa escola pode trazer na actualidade e que são muito maiores que os da escola romantica.

Para corroborar esta affirmativa basta lembrar a maneira como Novelli, realista d'alma e coração, interpretou o *Hamlet*.

O principal esteio da escola realista é a dicção natural. A esta escola só corresponde plenamente a comedia, já pela acção e já pela linguagem quasi familiar, geralmente empregada n'este genero.

No estado actual do nosso theatro e de todos os paizes a escola realista não corresponde ás exigencias da arte.

E não corresponde, porque tão depressa o actor se vê obrigado a interpretar Shakspeare como o moderno urdidor da alta comedia.

Poder-se-ha representar a tragedia, ainda em uso no theatro actual, pelas formas da escola realista?

Não; pois assim como a tragedia só convém um estylo elevado e nobre, assim para dar colorido a esta especie de composições é preciso recorrer á declamação, ainda que natural mas um pouco mais elevada que a dicção da escola realista.

Representar o *Hamlet* com a mesma simplicidade com que se deve representar uma comedia, seria o aniquilamento de todo o trabalho poetico, seria mesmo um sacrilegio.

Não daria a expressão que o poeta lhe imprimiu e cahiria inevitavelmente no monotono e mesmo no ridiculo.

O theatro actual não pode admitir francamente a escola realista nem conservar a escola romantica, tem aquelles que desejam elevar o theatro de crear á semelhança da neoclassica, uma nova escola, que, aproveitando o que de bom e necessario tem uma e outra, congloba o ideal com o realismo, sem um supprimir o outro.

Assim, o actor que reuna estas qualidades e saiba applical-as convenientemente, será o que melhor tem servido a arte.

ACTUALIDADES

LUCINDA DO CARMO

Os recentes trabalhos d'esta artista, que faz parte da companhia que funciona actualmente no theatro da Trindade, suggeriram-me esta secção, onde apreciarei as boas qualidades assim como criticarei asperamente os defeitos d'aquelles que eram a esperança do theatro portuguez.

A Cezar o que é de Cezar.

Foi Lucinda do Carmo, que me levou a escrever sobre este assumpto, é portanto de toda a justiça que seja a primeira a ser analysada.

E' actriz e poetisa duas qualidades que a meu ver se casam perfeitamente.

As suas produções litterarias e o desempenho correcto d'alguns dos seus personagens (tempos que lá vão) dão-lhe o direito de ser considerada uma mulher intelligente.

E por esta qualidade que mais me revolta ver esta artista descer tão baixo.

Considerava-a, quando a vi em D. Maria e Rua dos Condes, uma artista de valor.

Hoje, ainda que a minha opinião não tenha mudado quanto aos seus merecimentos artisticos, pois a arte não se extingue em corações que nasceram para a amarem, vejo Lucinda do Carmo, procurando mais o applauso, que bem servir a arte, abalancar-se a taes emprezas, levada talvez pela vaidade de *estrella*, que temo ver esta artista, dado o contacto com nulidades e o applauso do publico depravado, que vai ao theatro procurar sensações, para o seu instincto bestial, descer até ao aviltamento da sua dignidade artistica.

Se não fugir d'esse meio, enquanto é tempo, ver-se-ha sem o publico amante da arte, que possa apreciar-lhe o que da sua alma de artista, revoltada, possa ainda triumphar do mau, e só admirada por um publico, sem observação, que só se enthusiasma com gestos menos decentes e linguagem picante, esufiando malicia por todos os lados, não essa malicia que mais se assemelha a ironia, mas a que parece procurada em Alfama ou Mouraria e que faz ruborizar todo aquelle que ainda sente um pouco de respeito pela doce companhia da vida — a mulher casta.

Quando lampejos d'arte ainda brilharem quasi que por intuição, mas que a sua intelligencia comprehenderá, e passem sem applau-

so por esse publico ignorante, como perolas deitadas a porcos, então encontrando-se só um grito de revolta a acordará da doce somnolencia dos applausos, comprehendendo, quasi estupidamente foram tributados e equivalentes a outras tantas pateadas dos que só admiram o culto da arte.

Quererá reagir, mas ha de já ser tarde e não poderá sahir do lamaçal em que a sua vaidade e a sua ambição a enterraram.

E o abysmo atrahê... Ficaré, e essa permanencia será o seu suicidio moral.

Os que me lerem, exclamarão quasi indignados: Tem Lucinda do Carmo culpa de se debater n'esse meio?

A minha resposta é inflexivel mas verdadeira.

Lucinda do Carmo é a unica culpada de dia a dia ir resvalando no abysmo.

Pois como se explica que possam haver suggestões capazes de arrastarem um artista a aviltar-se?

Só sentimentos que representem a vontade propria e nada mais.

Impozesse-se á Empreza como artista que preza a arte e não como meio de attrahir publico, servindo-se para tal de gestos desbragados proprios só d'um reles café de camareras.

Todo o artista que tem por norma bem servir a arte nunca deve descer á ignorancia para se elevar ou para produzir lucros a uma empreza.

O mercantilismo é incompativel com arte.

Considero Lucinda do Carmo artista de raça e por isso lealmente e desassombadamente exponho o que penso a respeito d'ella com a esperança que as minhas palavras sinceras, calar-lhe-hão no animo, fazendo-a retroceder no errado caminho que trilha.

Em artigos subsequentes tratarei das principaes razões que obrigam a encontrarem-se muitos artistas de valor sem escriptura e alguns, como Lucinda do Carmo, a debaterem-se em igual meio.

NECROLOGIA

Sepultou-se no dia 20 do corrente o sr. José Theodoro dos Santos, vulgarmente conhecido, pelo José Rapaz.

Ha muitos annos empregado no theatro da Trindade era bastante estimado.

O seu funeral foi muito concorrido.

No mesmo dia realisou-se o enterro da menina Maria Aldegundes de Portugal, estremeçada filha do nosso bom amigo e intelligente actor Portugal.

Avaliamos a dôr pungentissima, dilacerante, do estimado artista, ao receber este crudelissimo golpe. A ferida aberta no seu coração de pae amantissimo é d'aquellas que nunca se cicatrizam.

Pobre pae! Mal suppunha elle ao partir para tão longe, onde ia expor a sua saúde, talvez a sua vida por amor dos filhos queridos, que não veria mais o sorriso d'aquelle anjo que a morte implacavel lhe havia de arrebatat emquanto ausente.

A Portugal e a sua esposa, enviamos d'aqui a expressão do nosso immenso pezar por tão irreparavel perda.

OS THEATROS

JORNAL DE CRITICA ILUSTRADO

COLLABORADOR: ESTREITO

JULIO ALVES

REDACTOR: ESTREITO

DIAMANTINO LEITE

PREÇOS

Serie de 10 numeros..... 200 réis

Avviso..... 20 "

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a revista de André Valente, 13.

Editor — Henrique Pinto do Amaral